

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo
Projetos Experimentais

Relatório de Atividades da disciplina
INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA

Daisi Irmgard Vogel
Meiri Fatima Coletti

Florianópolis, 12 de dezembro de 1985.

1984:

A idéia de elaborar o programa para a disciplina "Introdução à Informática" surgiu no início de 84, quando então solicitei à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão uma bolsa de pesquisa, concedida em maio. A partir desta data, comecei a preocupar-me com bibliografia, adquirindo alguns livros e periódicos que tratassem do assunto, em especial a Folha de Informática e a Revista Nacional de Telecomunicações. Em dezembro de 84, entreguei à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão uma relação bibliográfica e um foteiro preliminar que embasariam a disciplina "Introdução à Informática". Não havia conseguido concluir a pesquisa por duas razões: o meu conhecimento para com o assunto era muito restrito ainda e o material coletado insatisfatória. Decidida a continuar, renovei o pedido de bolsa à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, o qual foi adferida para 85.

1985:

Já originalmente, tinha a idéia de fazer da pesquisa de elaboração do programa para a disciplina "Introdução à Informática" o meu projeto de formatura do curso de Jornalismo, e a Daisi, também interessada no assunto, propôs-se a participar do trabalho. De agosto a dezembro, selecionamos artigos, reportagens e entrevistas de periódicos, lendo-os e fichando-os. Processo idêntico foi aplicado aos livros, envolvendo os seguintes títulos: *Mimetismo Tecnológico*, de Rabah Benakouche; *A Questão da Informática no Brasil*, do mesmo autor; *O Impacto Social da Cibernética*, de Charles Dechert; *Cibernética e Comunicação*, de Issac Epstein; *A Micro-Revolução: o microship mudará sua vida*, de Peter Large; *A Revolução do Microcomputador*, de Peter Laurie; *A Sociedade da Informação*, de Yoneji Masuda; *Multinacionais e Sistemas de Comunicação*; *os Aparelhos Ideológicos do Imperialismo*, de Armand Mattéart; *A Nova Revolução Industrial: na Era dos Computadores*, de Adam Osborne; *Comunicação, Hegemonia e Contrainformação*, de Carlos Eduardo Lins da Silva; *Informatização da Sociedade*, de Nora Simon e Alain Minc; *O que é isto Computador*, debate promovido pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e *Adeus ao Proletariado*, de André Gorz.

Final de setembro, conseguimos passagem de ida e volta (ônibus convencional) para São Paulo, e participei da Feira de Informática e do 18º Congresso Nacional de Informática. Nós aproveitamos os eventos para cumprir o cronograma, entrevistando o editor da RNT, Ethevaldo Siqueira; e o editor da Folha de Informática, Mário César Carvalho. Além de gravar o painel "Informática e Sociedade", com Gilberto Dupas (presidente da Caixa Econômica Federal de SP), Otávio Genário (empresário e ex-secretário Especial de Informática), Luciano Coutinho (secretário geral do Ministério de Ciência e Tecnologia), Rogério Cerqueira Leite (professor da Unicamp e vice-presidente da Companhia Paulista de Força e Luz), Antônio Rego Gil (presidente da CIBI), Etevaldo Siqueira (editor da RNT) e Sansão Reuler (conselheiro consultivo da Standart Eletrônica). Embora nenhuma entrevista ter sido literalmente incluída no programa da disciplina, tanto elas quanto o painel foram fundamentais para elaborar o projeto. Antes e depois de São Paulo. Principalmente depois de constatar que à nossa bibliografia os entrevistados não tiveram a acrescentar. Ethevaldo, quando viu a bibliografia só disse que o livro de Peter Large era bom e que ele escreveu um apêndice. Carvalho, lembrou de um escritor francês que escrevia sobre o desemprego tecnológico, o Gonz que a gente esqueceu de colocar na bibliografia que consta no Plano do Projeto. Através de Márcio Minchillo, da Circulação e Assinaturas do jornal Informática Hoje, conseguimos uma assinatura do jornal que ficará para a hemeroteca.

Em São Paulo, confirmou-se que o videotexto da Telesp a partir de outubro teria uma rede nacional, com a participação da Telesc de SC. Ao retornar para Florianópolis, entramos logo em contato com a Telesc, mas devido as eleições de 15 de novembro para a Prefeitura da Capital, os responsáveis pelo projeto do videotexto - os mesmos que dirigem a Tevê Executiva - estavam envolvidos com os trabalhos de tevê da campanha de Edison Andrino (PMDB), e a implantação do videotexto no momento era secundária. A Daisy foi a Telesc dia 3 de outubro, na parte da manhã, e ninguém soube responder o que queríamos saber. Um funcionário mostrou como se opera o terminal, chamando as páginas, e muitos outros cercaram pra ver como era. Nós queríamos saber quando o sistema entraria em atividade em Santa Catarina, como iria funcionar e o que a UFSC deveria fazer

para adquirir um videotexto para o curso de Jornalismo? Retornei no mesmo dia 3 . à tarde, para a Telesc, o engenheiro Volmar Ferreira se encontrava e deu-nos algumas respostas. Ele não sabia quando o videotexto iria entrar em operação comercial em Santa Catarina, mas que iria estar ligado ao banco de dados da Telesp, e fornecau informações sobre o preço do equipamento de videotexto. Passados dois meses e meio do lançamento oficial da rede nacional de videotexto, aqui no Estado ele está ainda gatinhando. Somente esta semana a Telesc recebeu o contrato padrão da Telesp para fixar os seus contratos com os usuários. Conscientes de que o jornalista será o profissional mais procurado por este novo meio de comunicação, faremos uma solicitação junto a chefia de departamento para que seja enviado à Reitoria um pedido de verba para aquisição por parte do curso de Jornalismo do equipamento de videotexto. Isto porque reconhecemos que é impossível aprender a linguagem do meio sem trabalhar nele. (nele, sim. O videotexto é bidirecional).

No começo de novembro, dividimos as unidade de estudo; fiquei com a primeira (Evolução e fundamentação técnica), a segunda (Telemtica), a terceira foi dividida ao meio (Automação e desemprego tecnológico), a quarta pra Daisi (A política nacional de informática) e a quinta idem (Software: conteúdo e dependência). A partir desta data, cada uma se dedicou para o seu assunto, porém sempre acompanhando o da outra. No final de novembro, participamos da Conferência de Ana Maria Padul no Seminário A Informática e o Brasil, promovido pelo Núcleo de Estudos Políticos, Científicos e Tecnológicos.

Dezembro, nos dedicamos a organização final do material e estruturação do programa. Textos e comentários finais. Datilografia (muito mal) do trabalho e apresentação do projeto.

As pontes não cruzadas:

Foi impossível fazer o curso de basic, porque ele nos havia sido prometido gratuitamente por um funcionário da Secretaria de Indústria e Comércio do Estado, que não cumpriu. Como os cursos em geral são muito caros, optamos pela viagem a São Paulo e aquisição de livros, que no fim das contas custou mais para o bolso do que o previsto, uma vez que a bolsa de pesquisa (Cr\$ 168.000 mil) deu pra fazer muita pouca coisa

na verdade. Não conseguimos, e só por falta de dinheiro, ir a Brasília
entrevistar a deputada Cristina Tavares, o deputado José Eudes e outros
congressistas envolvidos com a Política Nacional de Informática por-
que não havia condições financeiras. Não conseguimos - mas não bata-
lhamos também por acreditar antes que não conseguiríamos - assinatura
das Revistas Exame e Dados e Idéias para a Hemeroteca. O negativo é que
quando a gente acha que sabe que os nossos esforços vão dar em nada, aca-
ba não fazendo nada. E tudo está como está na Universidade brasileira.

Meiri Coletti